



**22º EDIÇÃO DO LIVRO GRANDE SERTÃO: VEREDAS,
DE JOÃO GUIMARÃES ROSA**

Júlia Maria Mendes SANTOS¹

Rafael Fava BELÚZIO²

Recebido: 08/03/2021

Aceito: 14/04/2021

Em tempos nos quais o novo normal parece ter matado qualquer tipo de experiência cultural fora do quarto, gosto de rememorar bons momentos de apreciação coletiva da cultura do nosso país. Lançamentos de livros, por exemplo, costumavam ser um grande prazer pra mim, desde aqueles lançamentos independentes em pequenas livrarias até os grandes eventos planejados pelas maiores editoras. Em março de 2019, a editora Companhia das Letras trouxe o autor moçambicano Mia Couto para o Sesc Palladium de Belo Horizonte, com a missão de divulgar a nova edição de *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. Como leitora e admiradora desses dois escritores, a empolgação começou assim que eu soube sobre o evento e, após haver muita espera na fila, finalmente eu estava sentada para escutar as reflexões do escritor moçambicano sobre uma das minhas obras favoritas.

As minhas expectativas para as apresentações eram altas, mas o que realmente me surpreendeu sobre o evento foi o público, formado por pessoas de todas as idades possíveis. Em certo ponto, Mia Couto contou-nos que seu primeiro contato com a produção rosiana foi em meio aos horrores da guerra civil moçambicana e esse momento representou um verdadeiro marco na sua experiência literária. Logo, comecei a pensar sobre a infinita influência dessa obra-prima de Guimarães Rosa, que, mesmo sendo originalmente publicada em 1956, alcança todas as gerações que tiveram o privilégio de apreciá-la. Nas palavras do próprio Mia Couto, transcritas pelo jornalista Carlos Marcelo Carvalho “*Grande sertão: veredas* percorre sobre as grandes inquietações da humanidade: o bem e o mal, o sentido da existência, a briga entre Deus e o diabo, o conflito entre a vontade e o destino” (COUTO apud CARVALHO, 2019). Assim, percebe-se que a diversidade de questionamentos humanos que Riobaldo encontra em sua jornada é grandiosa e isso confere uma grande capacidade de mutabilidade à obra.

Utilizando a analogia criada por T.S. Eliot (1989, p. 43), é possível afirmar que Guimarães Rosa funciona como um catalisador para esses temas humanos. Ele tem sucesso em separar o homem

¹ Estudante de graduação em Letras na Universidade Federal de Minas Gerais.

² Doutor em Estudos Literários: Literatura Brasileira na Universidade Federal de Minas Gerais e professor de Teoria da Literatura e Literatura Comparada na mesma instituição.

que sofre da mente que cria, processando a sua matéria-prima. Isso resulta, também, numa expansão da realidade ali representada, conferindo um caráter de universalidade ao cenário do sertão mineiro. Além disso, ainda no imaginário de Eliot, Rosa alcança prestígio em seu uso da tradição literária, trazendo para o sertão tudo aquilo que prezava em seu grande catálogo cultural. Seu registro detalhado da terra e sua narrativa épica trazem referências que chegam até mesmo à Grécia Antiga, demonstrando uma óbvia maturidade que Eliot (1991, “O que é um clássico?”) julga necessária. Essas mesmas ideias são compartilhadas por um dos maiores críticos brasileiros, Antonio Candido, em “O homem dos avessos”, ao afirmar:

A experiência documentária de Guimarães Rosa, a observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e pelo nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia do rústico — tudo se transformou em significado universal graças à invenção, que subtrai o livro à matriz regional para fazê-lo exprimir os grandes lugares comuns, sem os quais a arte não sobrevive: dor, júbilo, ódio, amor, morte —, para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório e que na verdade o Sertão é o Mundo. (CANDIDO, 2002, p. 122)

A universalidade do conteúdo contribuiu para que *Grande sertão: veredas* se mantivesse relevante até os dias atuais, mas é a primorosa execução desses temas que faz dele algo extraordinário. Assim como Candido aponta, há nessa criação “[...] tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado” (CANDIDO, 2002, p.121). Dessa maneira, a preocupação do autor com a forma do texto torna-se clara, se fundamentando em um minucioso processamento da linguagem³. Uma das manifestações disso está no cuidado conferido às edições da obra rosiana, cuidado esse que se tornou parte da imagem de Rosa como escritor. Sua preocupação com as traduções e edições dos seus livros é objeto de estudo para muitos até os dias de hoje, além de ser uma inquietação do próprio autor:

Rever qualquer texto meu, já de si, é qualquer coisa de tremendo, porque o meu incontentamento é crescente, a ânsia da perfectibilidade, fico querendo reformar e reconstruir tudo, é uma verdadeira tortura. Por exemplo, dir-lhe-ei que as 5 edições do 'Sagarana' são todas diferentes, refeitas, remodeladas, remexidas. Por fim, para ver se eu conseguia deixar isso de lado, e me voltava para escrever outros e novos livros, o meu Editor, José Olympio, mandou matizar ou estereotipar a composição, guardando-a nos chumbos, e impedindo-me assim, de permanecer na classe de Danaide ou Sísifo. (VERLANGIERI, 1993, p. 91)

O trecho acima faz parte das correspondências que Guimarães Rosa manteve com Harriet de Ónis, sua tradutora para o inglês. Esse tipo de correspondência colaborativa, ao qual ele se refere

³ Outras virtudes que Eliot (1989, 1991) considera fundamentais.



como um exercício de estilo⁴, acontecia com muita frequência entre Rosa e seus tradutores, o que permitiu um registro de muitos aspectos do seu processo criativo. A partir dessas cartas, Hoisel (2006) argumenta que Rosa exerce uma visão crítica sobre sua própria produção, a qual exige um constante exercício de leitura e releitura. Isso permite uma elaboração de grande complexidade, na qual o autor “coloca-se como leitor de si próprio, como leitor da tradição literária, leitor de geografia, de história natural, de botânica, de religião, de história de ciganos, de história geral etc. e, nesta tradição, constrói seu sistema de raízes, sua estirpe genealógica.” (HOISEL, 2006, p.89). Consequentemente, a mente criadora e a mente crítica se mesclam, pois “a crítica é tão inevitável quanto o ato de respirar [...] pelo fato de articularmos o que se engendra em nossas mentes quando lemos um livro e ele nos emociona, por criticarmos as nossas próprias mentes em sua tarefa de criticar” (ELIOT, 1989, p. 38).

Com isso em mente, a editora escolheu preservar o conteúdo da segunda edição de *Grande sertão: veredas*, rubricada como texto definitivo e publicada por José Olympio, editor mencionado anteriormente. Então, além de algumas atualizações ortográficas, é garantido nas notas da edição que a forma rosiana foi conservada nos casos atribuíveis a artifícios autorais. Contudo, o trabalho editorial vai além da preservação do texto, se estendendo a todo o suporte que o envolve e que complementa a experiência literária.

Nesse sentido, um dos destaques da 22^o edição é o recorte de cinco produções teóricas auxiliares na leitura do romance, dado que, diante de uma grande fortuna crítica, a seleção de ensaios torna-se um verdadeiro desafio. Portanto, é possível analisar essas escolhas a partir do estudo realizado por Cláudia Campos Soares (2012), no qual ela define as principais vertentes críticas que se desenvolveram a partir de *Grande sertão: veredas*. Tendo esse recorte como referência, percebe-se, primeiramente, que a editora se preocupou em arranjar os trabalhos selecionados em ordem cronológica⁵, visando um registro preciso do desenvolvimento dessas abordagens teóricas. Por isso, o primeiro texto apresentado após a obra é uma correspondência entre Fernando Sabino e Clarice Lispector, que discutem sobre suas primeiras impressões, esclarecendo um pouco sobre a recepção do livro em 1956.

A partir disso, a seleção de paratextos teóricos abre com “Grande Sertão: a fala”, de Roberto Schwarz, que discute os aspectos de composição e, principalmente, gênero, explorando a dimensão épica e lírica de Rosa. A princípio, o ensaio funciona muito bem como complemento à abordagem do texto seguinte, que se concentra no enredo do romance. O texto em questão é “O certo no incerto: o

⁴ Rosa descreve esse processo em uma correspondência com Edoardo Bizzarri, seu tradutor italiano.

⁵ Os textos teóricos da seleção foram publicados, respectivamente, em 1965, 1972, 1983, 1994 e 2017.



pactário”, um fragmento de *As formas do falso*, de Walnice Nogueira Galvão, que marca uma abordagem sócio-histórica. Desse modo, já no início, há uma introdução a muitos aspectos da forma e do conteúdo, que são essenciais para uma boa leitura.

Logo em seguida, a editora apresenta o ensaio “A matéria vertente”, de Benedito Nunes. A abordagem filosófica de Nunes é mencionada por Soares (2012) como uma segunda vertente da crítica rosiana, que seguiu uma primeira linha de interpretações observada em “O homem dos avessos”, mencionado anteriormente. Benedito Nunes, por sua vez, explora a dimensão mítica e metafísica, levando em consideração as relações entre a literatura e a filosofia. Ao continuar a leitura, “O mundo misturado”, de David Arrigucci Jr., é exposto representando a quarta vertente, que parte da perspectiva dos discursos da modernidade ao analisar vários elementos da ficção rosiana, como, por exemplo, os personagens e a linguagem. Ambos estudos trazem análises detalhadas de vários aspectos da produção de Rosa, além de contribuir pra construção dessa trama de visões teóricas que se desdobrou com o tempo.

Para finalizar o compilado de paratextos, a Companhia das Letras escolheu “Cabo das tormentas”, de Silviano Santiago. O ensaio apresenta um pouco sobre a recepção e as origens desse fenômeno, que chocou leitores e críticos pelo mundo todo, sendo seguido, na edição, por uma cronologia ilustrada da obra rosiana. Com isso, a editora apresenta um mostruário muito bem construído de aspectos que fazem com que *Grande sertão: veredas* seja considerado um monumento da literatura brasileira, tornando-se um dos romances mais revisitados pela crítica.

Referências Bibliográficas

BIZZARRI, Edoardo. **João Guimarães Rosa**: correspondência com seu tradutor italiano. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: _____. **Tese e antítese: ensaios**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002. p. 121-139.

CARVALHO, Carlos Marcelo. Mia Couto apresenta suas reflexões sobre Grande Sertão: Veredas. Belo Horizonte: Portal Uai, 12 abr. 2019. Disponível em: < <https://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2019/04/12/noticias-artes-e-livros,244358/mia-couto-apresenta-suas-reflexoes-sobre-grande-sertao-veredas.shtml> >. Acesso em: 15 out. 2020.

ELIOT, Thomas Stearns. Tradição e Talento Individual. In: _____. **Ensaaios**. São Paulo: Art Editora, 1989. p. 37-48.

ELIOT, Thomas Stearns. O que é um clássico? In: _____. **De Poesia e Poetas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. p. 76-100.



HOISEL, Evelina. João Guimarães Rosa: diálogo com os tradutores. **Floema**, Vitória da Conquista, ano II, n. 3, p. 87-102, 2006.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOARES, Cláudia Campos. Grande sertão: veredas: a crítica revisitada. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 47, n. 2, p. 136-145, 2012.

VERLANGIERI, Iná Valéria Rodrigues. **J. Guimarães Rosa**: correspondência inédita com a tradutora norte-americana Harriet de Onís. Unesp, 1993.